

atua

FICHA TÉCNICA: Boletim Informativo da Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros. Diretor: João Paulo Carvalho. Coordenação: Gabinete de Comunicação. Imagem: do Norte. Redação: Rui Pinto Reis. Concepção Gráfica: Graficameres, Lda. Periodicidade: Trimestral

“

Fazer o que está certo,
mesmo quando
ninguém está a ver

Editorial por João Paulo Carvalho,
Presidente da SRNOE

”

(R)evolução

Entrevista com a Bastonária
da Ordem dos Enfermeiros
Ana Rita Cavaco

■ **WOCK SHOES**

Tel.: 227 470 611
E-mail: cs@wockshoes.com



■ **THE EDITORY COLLECTION HOTELS**

Tel.: 226 086 600 (Porto)
210 000 000 (Lisboa)
265 499 000 (Troia)
282 770 620 (Lagos)
E-mail: reservas@editoryhotels.pt



■ **ALBERTO OCULISTA**

Rua dos Ferreiros, 191
Edifício A
Largo Severiano Ferraz
9000-082 Funchal
Tel.: 707 101 500
E-mail: cliente@albertooculista.com



■ **PACTO SEGURO**

Rua José Coutinho, 262
4465-180 S. Mamede de Infesta
Tel.: 229 039 777
933 303 028
911 906 744
E-mail: comercial@pactoseguro.com



■ **PAEZ**

Campo de Ourique
Rua da Infanteria, 16, 77-A
1350-163 Lisboa
Tel.: 215 933 537
E-mail: campodo@paez.com



■ **VIAGENS EL CORTE INGLÉS**

Tel.: 808 204 729



■ **SCIENCE4YOU**



São Julião do Tojal, Lugar do Quintanilho,
Plataforma do Rouco CC02 e CC03
2660-421 Loures
Tel.: 211 316 796
E-mail: info@science4you.pt

■ **MAKENOTES**

E-mail: info.online@makenotes.pt



CONSULTE AS VANTAGENS DOS
PROTÓCOLOS EM:
<https://www.ordemenfermeiros.pt/plus-enfermeiro-mais-benef%C3%ADcios/>
ou através de:

sabia que?



apoio jurídico

A SRNOE disponibiliza consultoria jurídica, por marcação prévia, aos seus membros.



parque grátis

Pode vir à Secção Regional do Norte da Ordem dos Enfermeiros e deixar o carro no Parque do Bonjardim sem custos.



<https://www.ordemenfermeiros.pt/norte/a-sec%C3%A7%C3%A3o-regional/>





EDITORIAL

Fazer o que está certo, mesmo quando ningém está a ver

Esta é a penúltima Atua do mandato. Falámos de tudo. Do bom e do mau, do melhor ao pior na vida de quem vive para os outros. Vivemos 1000 vidas em poucos números, onde descobrimos heróis, encontramos vilões e sugerimos, sempre, soluções. Dificilmente poderia estar mais contente com o resultado que alcançámos e as histórias que contámos. Mas na reta final desta jornada, faltava-nos falar com a Bastonária, Ana Rita Cavaco. A Ana Rita foi à frente do seu tempo, pensou o futuro da profissão sem esquecer o seu pilar fundamental, a atenção e cuidado com as pessoas.

Somos uma profissão de gente feita para as gentes e gostemos ou não, caracteriza-nos o toque, a proximidade ao leito do enfermo, o doente tratado pelo nome, o conhecimento do enquadramento social da família, assistir os que vêem os seus filhos nascer e os que sofrem com a partida dos seus pais. Somos completos e estamos lá sempre, do início ao fim. Assim foi a história da Ana Rita a liderar esta estrutura, que liderou com humanidade, resiliência e obstinação. Foi e será sempre,

a mãe da liberdade, a líder da mudança e a impulsionadora da autoconfiança da profissão. É um orgulho, Ana Rita, ter travado estas batalhas junto de ti, estar do lado certo das trincheiras. A Atua sempre foi feita de gente, de quem ousa fazer diferente, e por isso não podia faltar aqui a mais disruptiva. A nossa eterna Bastonária, que nos conta um pouco de si.

João Paulo Carvalho
Presidente da SRNOE

“

**FOI E SERÁ SEMPRE,
A MÃE DA LIBERDADE,
A LÍDER DA MUDANÇA
E A IMPULSIONADORA
DA AUTOCONFIANÇA
DA PROFISSÃO**

Rua Latino Coelho, n.º 352
4000-314 PORTO
Tel.: 225072710
smorte@ordemenfermeiros.pt





ENTREVISTA COM

Ana Rita Cavaco

BASTONÁRIA DA ORDEM DOS ENFERMEIROS

(R)evolução

Diferente na forma, essencial no conteúdo. Ana Rita Cavaco é Bastonária da Ordem dos Enfermeiros desde 2016. Ao longo dos últimos anos, adquiriu admiradores

e inimizades, fruto do espírito de missão com que abordou o cargo que ocupa. Caustica, frontal, vertical, dona de uma personalidade de ferro e coração meigo, centrou o seu exercício nas pessoas. Em final de mandato, sabe que devolveu voz aos Enfermeiros e que ficará, para sempre, marcada como quem lhes deu liberdade e autoconfiança. Conheça a história da Bastonária que não deixou ninguém indiferente.

[Atua] Os últimos sete anos e meio numa palavra?

Em duas: honra e orgulho. Foi uma honra ter merecido a confiança dos Enfermeiros duas vezes, sendo uma delas a eleição mais votada da história da Ordem dos Enfermeiros e orgulho em tudo o que fizemos, na herança que deixámos, na cultura de liberdade que impusemos.

O que te levou a avançar para a Ordem dos Enfermeiros?

Ao contrário do que possam pensar, o que verdadeiramente me motivou a avançar para a Ordem dos Enfermeiros, foram as gestões anteriores. Também eles contribuíram para definir bem o que não queria para nós, Enfermeiros. Estávamos numa encruzilhada, sós, com uma Ordem que se limitava a sugar quotas para financiar tudo e mais

alguma coisa, menos o que aproveitasse aos membros. O desprezo do País pela opinião da nossa Ordem foram o clique para juntar um grupo de irreduzíveis e inconformados, que de Norte a Sul e Ilhas, sempre ousaram querer mais. Sempre Sonhámos uma profissão diferente e uma Ordem diferente desde que fui Presidente da FNAEE com eles na minha equipa. Não fui eu que avancei, fomos todos. Eu tive a missão de liderar e emprestar um rosto.

O que te orgulha mais e o que te deixou maior arrependimento?

Não há páginas suficientes nesta revista para contar as histórias de um mandato. De um como o meu, só em livro. Mas sei bem o que mais me orgulha, é fácil. É entrar como saí, com a minha dignidade intacta e com uma Ordem com contas claras, de portas abertas,

entregue aos Enfermeiros e livre. Fomos um exemplo de gestão, sem deixar de fazer tudo o que os enfermeiros precisavam. Não poupámos em eventos nem em formação, na modernização da OE e na agilização que o digital nos permite. Fizemos tudo o que os Enfermeiros precisavam bastando para isso, cortar em gorduras e luxos. Impusemos uma política de "servir" e acabámos com o "servir-se". Não foi tudo bom, mas não tenho arrependimentos maiores do que os que são da minha esfera pessoal. Todos os anos passava o meu aniversário fora. Faço anos no dia 21 de Abril, dia de aniversário da OE. Nunca mais o fiz, mas nem isso considero que me arrependa. Nunca me arrependo do que vale a pena e acho que estes 8 anos valeram a pena.

Temos, na SRN, uma foto icónica tua. De cravo em punho, na Marcha Branca. Chama-se "1 de 15000". O que representa esta imagem e o que traduz?

Foi na primeira manifestação de Enfermeiros em 2017 nos nossos mandatos. Tudo em paz com o primeiro Governo do PS e nós, tufa, rua connosco porque ninguém nos dava nada. Nem carreira tínhamos.

Essa fotografia é belíssima. Tirada por um Enfermeiro. É icónica, sim, mas não por estar na frente. É pelo mar de gente. Pelos Enfermeiros que nesse dia perceberam que nunca mais estariam sozinhos. Que eu sou mesmo uma entre 15000 naquele dia e nos outros todos. Que seria sempre uma deles, estando bastonária. Que nós, enquanto classe, podemos tudo desde que tenhamos vontade. É uma foto de coesão e revolta de um movimento que ninguém pode parar.

Essa luta resultou numa sindicância e numa campanha negra aos órgãos sociais. Fariam de novo?

Essa pergunta é agridoce. A resposta é, claro que sim. Como me escrevia um amigo, a sindicância, os processos levantados pela IGAS e até os que

acabaram por seguir para tribunal, são uma medalha. Se aceitasse e acatasse ordens, nunca teria tido nada disso. Vivia descansada com os prémios que o silêncio e a submissão compram.

Tenho orgulho no que fizemos, mas abrimos uma das páginas mais negras do país ao fazê-lo. Quando perceberam que os nossos ideais não estavam à venda, fomos perseguidos a mando de alguém. A separação de poderes foi suspensa por um bando de idealistas que precisava ser silenciado para manter o status quo e o equilíbrio de poder. Eu, filha da liberdade, tenho orgulho no que fizemos mas tenho pena por ter percebido que a nossa democracia é muito pouco madura, muito permeável a interesses obscuros e muito hipócrita.

Por essa altura, um dos boatos que circulava era uma actuação a soldo partidário, mas a inoperância da direcção do PSD também não foi poupada. Não existiu receio de não existir suporte político para a OE?

As pessoas não entendem uma coisa: uma função governativa só é bem desempenhada quando há uma separação clara entre a vida do eleito e as funções para que o elegeram. A Ana Rita é do PSD e nunca o escondeu. A Bastonária da OE, perante essa pergunta, questiona: Onde esteve o PSD ao longo dos últimos 25 anos de OE?

O meu compromisso, enquanto Bastonária, é com os Enfermeiros e com os portugueses. Não é com o PSD ou qualquer outro partido. O PSD precisa de um abanão. Precisa de dizer mais o que tem a dizer e menos o que acha que as pessoas querem ouvir. Eu cresci a aprender que não devemos ficar com nada por dizer e assim faço. As

“

FOI UMA HONRA TER MERECIDO A CONFIANÇA DOS ENFERMEIROS DUAS VEZES, SENDO UMA DELAS A ELEIÇÃO MAIS VOTADA DA HISTÓRIA DA ORDEM DOS ENFERMEIROS E ORGULHO EM TUDO O QUE FIZEMOS

peças estão cansadas da paz podre, da falta de verticalidade e das mentiras dos partidos. Tantas vezes se fala de política e políticos e não se percebe, por exemplo, porque é que o CHEGA cresce. Um dos motivos é a falta de pudor em dizer "o rei vai nu". Os políticos têm sido paternalistas e condescendentes, tratam o país como uma coutada privada. Mas as pessoas pensam. Portanto, em resposta é simples. Não pensei no suporte político que eu ou a OE poderíamos ter ou deixar de ter, concentrei-me em fazer o que era justo e necessário pela profissão. Hoje ninguém desrespeita a Ordem ou as suas posições e isso é fruto do nosso trabalho e de mais

ninguém. E isso só acontece, precisamente, porque não me preocupei com nenhum suporte político ou partidário. Interessa-me o suporte dos pares e tive-o sempre. Hoje, o País inteiro sabe que os Enfermeiros têm uma Ordem e quem é a sua bastonária e respeitá-nos.

Fizeste sempre questão de recordar a diferença entre ser e estar. Como conseguiste ser a Ana Rita que estava Bastonária e não te transformar apenas na Bastonária Ana Rita?

Costumo dizer que no final deste filme a gente morre. Não somos os cargos que ocupamos, somos o que fazemos e a única coisa que levamos daqui é a forma como vivemos. Felizmente, sim. Nunca me apeguei a lugares. Não gosto do poder pelo poder e sinto que mudei vidas. Serviço público é isso. Mudar a vida dos que nos elegem. E saber que podemos apenas mudar uma pequena parte à nossa volta e não o mundo inteiro. No processo inspiramos outros a fazer a sua pequena parte também.

Sabemos que nunca deixaste nenhum enfermeiro sem resposta, quando te contactavam. “Viveste” milhares de vidas nos últimos anos. Qual é o desgaste físico e emocional disto?

Enorme. Chorei e ri com tantos. Vivi vitórias e dramas que me emprestaram. A carga emocional é enorme porque na maioria das vezes, não está ao nosso alcance mudar nada. Somos espectadores de vidas reais que nem sempre conseguimos ajudar. Além disso, acabava por me roubar tempo para os meus, o que muitas vezes me isolava. Mas somos as nossas circunstâncias e ao longo deste tempo, o que mais importa não sou eu, é a missão que jurei cumprir. E cumpri.

Consideras que essa abordagem de proximidade te dotou de informação essencial para executares a missão?

Obviamente. Ninguém é onisciente. Se não ouvirmos os problemas das pessoas, não sabemos que eles existem. É uma forma de branquear o que acontece e é da pior forma: por negligência. Um dos problemas dos detentores de cargos públicos, é precisamente esse. As pessoas passarem a achar que, de alguma forma, vão saber o que acontece sem ouvir as pessoas. É um endeusamento patológico incompreensível.

Isso significa que se os profissionais fossem mais escutados haveria soluções a anteciparem-se aos problemas?

Ninguém conhece melhor as dificuldades do que quem opera nos locais. O estudo de determinada questão não nos dá a compreensão total de todos os factos nem nos permite avaliar todas as circunstâncias. Só quem conhece a realidade é que encontra ferramentas para aprimorar processos. Tudo o resto, são teorias académicas generalistas

que não podem ter aplicação ad hoc sob pena de falhar.

O que falta ao SNS? Dinheiro ou gestão eficaz?

Antes de sabermos se e quanto dinheiro falta, temos de saber quanto dinheiro desperdiçamos. O SNS é uma estrutura gigantesca, adornada de belíssimos quintais, presunção e falta de respeito pelos recursos humanos. Mas creio que o que verdadeiramente é limitador do SNS é a visão em túnel, limitada por preconceito ideológico e, por consequência, o absentismo e falta de profissionais.

Primeiro, o SNS é focado no tratamento e não na prevenção. O avanço para as ULS pode ser um passo no caminho certo, desde que se aligere a burocracia e que o utente passe a pertencer ao sistema, em vez de pertencer ao serviço A ou B, porque no fim do dia doente não quer saber quem o trata, quer é ficar bem. Em segundo, há as métricas tontas que todos sabem como inverter de modo a conseguir ganhar um pouco mais ao final do mês. Nada disso seria necessário, muito menos é eficaz, até porque cria uma quantidade absurda de reuniões e

perdas de tempo aos recursos humanos para responder à burocracia do Estado. Nunca ninguém pensou viver num país onde os profissionais de saúde são tecnocratas, mas é isso que os sucessivos governos lhes exigem. Falta ainda uma gestão holística que compreenda todas as dimensões e tenha uma gestão estratégica dos recursos. Há serviços a serem fechados para poupar algum dinheiro com profissionais e depois a ficarem reféns de transportadoras e empresas de transporte de pessoas que cobram preços exor-

bitantes. A questão que se coloca é: alguém fez contas para perceber quanto é que se ia gastar depois do corte cego que só vê quanto é que, no imediato, se vai deixar de gastar? Todas estas situações cheiram a compadrio, mas muitas vezes é pior que isso. É só im-preparação para a gestão por os cargos serem, maioritariamente, dependentes do cartão partidário. Quanto às últimas duas questões, são consequências óbvias do desinvestimento e desatenção ao SNS. O SNS para sobreviver precisa de compreender que há circunstâncias em que necessitará de privado e social. A escolha não pode ser pelo proprietário, mas pelo serviço que presta e pelo custo que isso tem aos contribuintes. Por fim e mais importante, o SIGIC é um vergonha total e absoluta porque não se pode admitir que se façam 5 ou 10 vezes mais intervenções cirúrgicas em SIGIC do que no período normal de trabalho. Mas não posso ver com maus olhos recompensas por produtividade e gestão a todos os profissionais de saúde pelo desempenho das suas funções. Democratizava o acesso à recompensa, motivava os profissionais e tornava todos mais conscientes e zelosos pelo dinheiro comum. As pessoas têm de perceber que não existe dinheiro público. Existe o nosso dinheiro a ser gerido por alguém. Mas ele não é público, é nosso.

Para que serve um ministro da saúde quando quem manda é o ministro das finanças?

Para cortar fitas e servir de escudo ao ministro das finanças. As contratações ficarem no ministério das finanças serve o mesmo propósito que serem administradores do cartão partidário a gerir os hospitais em vez de quem é competente. O que pode parecer bom para os números não é necessariamente bom para as pessoas e só os profissionais de saúde é que sabem disso. Falta dar voz na decisão aos recursos humanos, nomeadamente aos Enfermeiros que são quem mais tempo passa com os doentes e pela natureza do seu trabalho, melhor conhecem as necessidades dos utentes.

“SE MANTIVERMOS A COESÃO QUE CRIAMOS AO LONGO DOS ÚLTIMOS ANOS, DIFICILMENTE HAVERÁ QUEM CONSIGA CONDENAR OS ENFERMEIROS POR DELITO DE OPINIÃO”

“

Fizemos tudo o que os Enfermeiros precisavam bastando para isso, cortar em gorduras e luxos. Impusemos uma política de “servir” e acabámos com o “servir-se”



Porque é que é solicitado às Ordens que definam as boas práticas e os cuidados seguros, mas depois não lhes é dado poder para actuar quando esses regulamentos não são cumpridos?

Relações Públicas. Quando tudo corre bem o governo é o autor e único pai do sucesso, mas se correr mal, há um tapão para culpar dos insucessos. É uma narrativa deturpada e onde o vencedor é sempre o mesmo, o executivo. Mas desengane-se quem quiser acreditar que isto é um exclusivo desta governação. O problema não é o governo, é o próprio sistema que o permite.

As Ordens não deveriam ter poder para ordenar encerramento de serviços que não cumprissem as dotações necessárias para a prestação de cuidados seguros?

Sim, devia. Há países onde podem. Em Portugal não e devíamos poder.

Mas chocaste algumas vezes com o executivo...

Choquei sempre que senti que as pessoas estavam a ser utilizadas com fins

políticos. Isso é mais uma coisa que os profissionais de saúde não podem tolerar. Daí a importância de os termos na gestão que referi acima.

O novo estatuto das Ordens profissionais, beneficia os doentes ou o poder?

Beneficia o silêncio e os saudosistas de 24 de Abril de 74. É um atentado à democracia e um atestado de incompetência aos profissionais, com tiques de condescendência e paternalismo. O Estado acredita que os profissionais não sabem o que é melhor para si e, então, define tutores que tomarão conta das Ordens. São a ponta do chicote. Espero que os parlamentares que aprovaram isto se encontrem com o que fizeram. Eu não esquecerei!

Com um conselho de disciplina nomeado, os enfermeiros correm o risco da imposição da lei da rolha?

Parece ser o intuito, mas para isso será necessário que deixemos. Se mantivermos a coesão que criámos ao longo dos últimos anos, dificilmente haverá quem consiga condenar os Enfermei-

ros por delito de opinião. A mim não é o que me calará, sou filha do direito à resistência e respiro justiça e liberdade.

É correcto dizer que existe um ataque concertado dos partidos ao domínio das Ordens profissionais?

Não sei se com essa afirmação não estaríamos a ir longe demais, mas tenho a certeza que é justo dizer que é conveniente para muita gente. Além do sossego que é ter as Ordens mais ou menos controladas, há a vantagem de ter mais um penacho para garantir meia dúzia de lugares a boys partidários. É pena dizer isto assim, mas é a verdade.

A Bastonária da Ordem dos Enfermeiros foi a líder da saúde nos últimos anos. Onde te leva o futuro?

Onde for feliz, onde fizer falta e onde fizer sentido. Mas uma coisa garanto: Serei sempre igual. ♦



ENFERMAGEM
WEBINAR DA SRNOE
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS ÀS 21:30
ÀS QUINTAS